ANNO 4.º — Sexta-feira, 13 de Outubro de 1911 — NUMERO 191

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . 600 réis
Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

(*)

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

ANNUNCIOS

Por linha . . . . . 40 réis
Communicados . . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Abaixo os traidores! Viva a Republica!

Eis o grito que por todas as cidades, villas e aldeias de Portugal se faz repercutir n'este momento em que a grande maioria do paiz se convulciona e agita com a entrada das forças realistas em territorio nacional.

Foi-nos declarada a guerra. E' preciso que nós, republicanos, marchemos para ella com firmeza e olhos fitos na victoria do ideal que tantos annos levou a implantar.

Abaixo os bandoleiros! Viva a Republica!

A conspiração monarchica

Um arranco dos "paivantes,,—Recontro com as tropas fieis—Mortos e feridos—Agitação no norte—Avanço de forças—Prisões—Enthusiasmo do exercito republicano—Medidas urgentes—Notas varias

Entre um unisono clamor erguido do norte ao sul do paiz, clamor traduzindo, não a mais leve sombra de receio, mas a condemnação absoluta e formal do acto praticado por esses imbecis que pretendem restaurar a monarchia com seis centos maltrapilhos, ecoou a nova do apregoado acontecimento que d'esta vez se realisára, entrando Paiva Couceiro a dentro da fronteira. Cercado do seu estado maior, seis ou sete officiaes, e meia duzia de *snobs* que esqueceram, como esse traidor, o amor do seu paiz, esteve em Vinhaes, onde, verdadeiramente elucidado, segundo informações seguras, do estado de completa tranquilidade do espirito publico, nomeadamente no Porto, que esperava estivesse em verdadeira ebulição revolucionaria e ainda da absoluta identificação do exercito e da armada com as instituições, descorçoado e desiludido, mandou evacuar a villa e avançar de novo para a fronteira, refugio salvador para aquella situação, que a sua imbecilidade claramente evidenciada, lhe creára.

Não escondendo a impressão que tal facto, ampliado com todas as invenções machiavélicas creadas e espalhadas por os seus assalariados no estrangeiro, trouxe de momento ao paiz, não pelagrandeza do acontecimento, que não é nenhuma, mas pela necessidade da absoluta ausencia de qualquer perturbação, por pequena que seja, vemos com satisfação que o governo pensa a serio em medidas de repressão, energicas e promptas, para liquidar responsabilidades, extirpando da sociedade e do paiz os elementos que sem fé, sem rumo, e sem orientação, perturbam e alteram a paz e o trabalho por que a nação anceia.

Pois por ventura alguem vê n'essas infamissimas tentativas a mais simples possibilidade d'uma victoria? E' com um ou outro padre, reaccionario e velhaco, tocando o sino a rebate á meia noute e hasteando bandeiras azues e brancas no alto do campanario, com vinho a esmo, que se prepara uma revolução, com probalidades sequer de victoria?

São quatro padrécas aqui, ali, além, que declarando aos seus freguezes boquiabertos, espantados, que está restaurada a monarchia, a Republica de facto está banida?

E' o Paiva Couceiro, rodeado de gallegos e de malandrins, sucata das casernas, assassinos da extincta guarda municipal e antigos janizaros policiaes, embrulhados em mantas, sem armas, sem fé, sem alma, fugindo espavoridos aos primeiros tiros, que vem derrubar a Republica?

E' esse *formidavel* exercito que traz na algibeira apontamentos do *pret* em divida e que, se assim mesmo existe, resulta da má fé d'uns e negligencia d'outros no paiz visinho, onde lhe permittem a sua organisação, entrada e sahida, ainda que offendendo gravemente os codigos do direito internacional; exercito que sonhou a conquista do paiz pela persuasão na revolta que os outros fariam? Incontestavelmente, não.

Todavia, não podemos deixar de reconhecer uma tenaz persistencia e um proposito claramente definido de, embora reconhecida inefficacia para o fim designado, manter a inquietação e a perturbação na tranquillidade a que o paiz tem direito pelo seu trabalho, pela sua emmancipação e amor á Republica, governo reconhecida e legalmente estabelecido.

Do que lêmos e confrontamos parece que o maior prazer do Paiva Couceiro e da sua gente foi penetrar no paiz e alarmal-o no mesmo dia e hora a que, um anno antes, o actual regimen, pelos seus defensores, esboçava o movimento revolucionario que lhe trazia a victoria.

Seja, porém, como fôr, a tentativa além de grave é profundamente repugnante, porque representa a mais vil, a mais abjecta acção na parte respeitante ao alliciamento d'estrangeiros para a invasão da sua propria patria. Tão criminosos são esses, que assim procedem, como aquelles que, portas a dentro d'esta e d'outras cidades e villas, se preparavam para secundar a infamissima traição, prendendo, perseguindo e chacinando aquelles que, reputados defensores verdadeiros do regimen, não pactuariam, por certo, na realisação do crime.

Os famintos e sequiosos do favor do regimen; os *caciques* abatidos do seu pedestal de mandões, auctoritarios e despoticos; as nullidades que ascendiam aos mais altos cargos da nação; os que recebiam por simples ordens em cartões dos ministros, fraudulamente; avultadas quantias, os que pela beneficencia auferiam mezadas para as suas amantes; os homens dos adeantamentos, do Credito Predial e de tanta consagrada ladroeira, eil-os aqui, conglobados em qualidade, mettidos a defensores da monarchia e do rei traidor, que sem mais do que os sentimentos ruins que os animam, nada mais têm que os recommende.

Na hora formidavel em que os republicanos, após tantos annos de lucta, leal e claramente sustentada, deceparam para sempre a arvore damninha da realeza, enxertada na seita amaldiçoada do jesuitismo, attonitos, amedrontados, quedaram-se na contemplação do raiar da nova aurora redemptora!

Toda ella foi de paz, de solidariedade e civismo.

Miseros houve que vieram affectar a sua adhesão *sincéra*, a sua *lealissima* cooperação junto das novas instituições! A farça, porém, foi tão indecorosamente exhibida, que ninguem a acceitou, e o bastante foi para que os comediantes se affastassem corridos e desesperados.

Inhibidos de serem dentro da Republica o que foram na monarchia, pois sendo assim tudo estaria bem, arvoraram-se, então, em conspiradores, esquecendo-se da *lealdade* da sua adhesão e da *sinceridade* dos seus serviços.

Ardilosa e calumniadoramente espalharam que a Republica os repudiava, a elles patriotas e amantes da sua Patria, por quem acceitavam, sem duvida, as novas instituições.

Hoje monarchicos, perseguidores acintosos e crueis dos republicanos, dando-lhes a morte, preparando-lhes ciladas, tel-os-iamos d'acceitar e acreditar na sua lealdade d'ámanhã, saudando e adherindo á Republica!

Não acreditaram? Repudiaram-os? Ahi está a demagogia perigosa: os republicanos que querem só para elles a Republica, expurgando aquelles que para ella querem ir.

Que cynismo e que cynicos!

E assim pretendem justificar os seus crimes e as suas infamias.

Não colhe, porém—disse-o o presidente do conselho e disse muito bem.

Essa politica de tolerancia e de transigencia acabou. Ainda bem.

Tres dias após a publicação d'estas simples considerações, que os acontecimentos de momento nos sugerem, vae reunir o Congresso especialmente para facultar os meios precisos para a completa acção do governo, no julgamento rapido e summario de toda essa alcateia de lobos que tentou ensanguentar a patria, provocando a guerra civil.

O Congresso, estamos d'isso convencidos, resolverá unanime, como um só homem no rigor das medidas a empregar em toda a sua grandeza, contra este mal que se manifestou pela maldade d'uns e tolerancia demasiadamente longa d'outros.

Fazemos votos para que quanto haja a fazer seja rapido, benéfico e em relação á grandeza do crime commettido, para o qual não pode haver piedade, nem pode haver perdão.

A cada um a sua responsabilidade.

Um relatorio dos acontecimentos

De Bragança, com data de 8, foi enviado para o Porto o seguinte relatorio sobre a incursão dos conspiradores e que é de todas quantas temos visto, o que mais se approxima da verdade:

Dia 4—Estava-se dando uma recita no theatro promovida pelo Batalhão de Voluntarios, quando, seriam 11 horas, pouco mais ou menos, foram ali chamar os officiaes e sargentos das metralhadoras, o que deu em resultado os voluntarios sahirem e irem apresentarem-se ao quartel. Como consequencia d'isto foi interrompido o espectaculo e a cidade posta em alvoroço. Tinham-se recebido informações dos postos da guarda fiscal de Soutello e Portella dizendo que os conspiradores se achavam acampados proximo da raia, em terreno hespanhol, com disposições de entrar essa mesma noite, o que de facto se deu. Parece que tinha os seus depositos de armamento na serra de Montesinho. Um pouco depois chegaram novas informações dizendo que avançavam sobre Bragança, mas quando estas informações foram recebidas já as forças aqui aquartelladas tinham tomado as suas posições para o combate, dispostas a defender-se a todo o transe. Os conspiradores tinham montado na raia, um serviço de correspondencia por meio de eliographos e fachos de luz. Eis o itenerario que elles seguiram segundo informações colhidas pelas patrulhas de cavallaria: entraram pela Serra de Montesinho; passaram entre Paramio e Cova de Lua, á esquerda de Carragosa e dirigiram-se a Espinhosella, onde estiveram descançando. D'ali seguiram em direcção a Villa Verde e foram tomar posição em Vinhaes onde nós tinhamos um destacamento d'infanteria 10, commandado pelo capitão sr. Andrade, que n'esta occasião occupava já uma posição do lado opposto da villa, com ordem de retirar sobre Chaves, caso não podesse resistir.

Dia 5—Trava-se um combate entre os conspiradores e o destacamento, combate que durou uma hora e meia sendo o destacamento obrigado a retirar, pois era atacado por 2:000 conspiradores e elles eram apenas 80.

Os conspiradores entram em Vinhaes, proclamando a monarchia, apoderam-se do telegrapho e repartições publicas; põem fóra os presos e entre elles o alferes Figueiredo que em seguida toma o commando d'um pelotão de conspiradores e que foi o que mais contribuiu para desalojar o nosso destacamento da sua posição. O nosso destacamento retirou sobre Chaves, mas no caminho encontra um esquadrão de cavallaria que de Chaves vinha já em seu auxilio.

Dia 6—O nosso destacamento com o esquadrão de cavallaria avançam sobre Vinhaes e os conspiradores abandonam a villa e as posições que occupavam sem se disparar um tiro, e as nossas forças entram em Vinhaes onde hasteam novamente a bandeira republica e tomam conta do telegrapho. Restabelecem-se as communicações com Bragança d'onde no

Dia 7—lhe foi enviado, como reforço, o batalhão d'infanteria 24, que ali chegou pela tarde.

Na madrugada d'este dia, o alferes Camões de cavallaria, aqui aquartelada, com uma pequena força de cavallaria foi fazer um reconhecimento, e o tenente Ramires, tambem de cavallaria, que de aqui havia sahido tambem com uma pequena força, seguiu em reconhecimento por um outro caminho, chegando a Vinhaes sem novidade, depois de terem descoberto os conspiradores acampados na Serra da Corôa junto á fronteira hespanhola. De tarde o esquadrão de cavallaria que está em Vinhaes foi em reconhecimento á Serra da Corôa e travou-se rijo combate, vendo-se os nossos obrigados a retirar devido ás más condições do terreno e não poderem avançar. N'este combate ficaram dois officiaes feridos, um n'um braço e outro n'uma perna.

Dia 8—Consta haver-se travado um combate esta madrugada entre as forças de Vinhaes e os conspiradores, mas não se sabe ainda o resultado. Esta noticia envio-a a titulo de boato.

*

Os conspiradores, hontem, eram já em grande numero, com 4 metralhadoras. E' convicção geral que elles estão recebendo ali reforços e armamentos vindos de Hespanha.

As nossas tropas estão muito bem dispostas a combater pela Republica até anniquillarem os conspiradores.

Não ha duvida que é Paiva Couceiro que os commanda.

Houve realmente manifestações monarchicas pelas aldeias por onde passou, mas ninguem o acompanhou.

O Batalhão de Voluntarios tem sido incançavel, pois ha 4 dias que não sabem o que é dormir, e querem a todo o transe avançar sobre os conspiradores, o que lhes não tem sido permittido, porque estão encarregados do policiamento da cidade, onde ha muito conspirador encoberto.

Aqui ainda se não disparou um tiro, mas tomam-se as melhores posições para o caso de sermos atacados.

Os principaes elementos de revolta são os padres.

Os conspiradores estão desolados e muitos têm desertado e fugido para suas casas e outros tem-se-lhe juntado, especialmente padres.

E' possivel que dentro em poucos dias tenha de dar a boa noticia da sua derrota.

O alferes de cavallaria Camões e tenente Ramires têm sido incançaveis, pois ha 4 dias que ainda não pararam senão para comer».

*

Notas complementares: — No dia 7 os conspiradores abandonaram o Monte da Corôa quando comprehenderam que eram atacados pelo batalhão do 24 que d'aqui havia partido para Vinhaes, indo tomar posição em Pinheiro Velho, do qual se apoderou com forças d'outros regimentos. Tendo deixado forças a guarnecer o monte da Corôa, perseguiram os conspiradores.

Dia 8.—Obrigam-os a abandonar aquella posição, indo estabelecer-se em Villarinho, onde se conservaram até hoje, tendo os seus flancos apoiados na raia e, sendo por isso impossivel cortar-lhes a retirada.

Vendo-se quasi cercados pelas nossas forças, elles, cheio de fome e de cansaço, internaram-se em Hespanha.

EM MARCHA!

D'uma carta particular enviada para esta cidade, por um soldado do batalhão d'infanteria 24, extractâmos os periodos que vão lêr-se, interessantes e altamente significativos:

Vamos a caminho de Bragança, d'onde marcharemos para Vinhaes, onde somos precisos ou para Chaves se para lá fugir a necessidade de nós. Viagem muito longa e muito feia, mas com commodidades em 2.ª classe. Por aqui

não se vende de nada. E' tudo selvagem e de feio torna-se tetrico. O fulano tomou hontem Bragança, que já largou. Está em Vinhaes, que tambem largará apenas lá chegarmos. Grande enthusiasmo no 24. A pouca gente que por aqui apparece olha para nós como quem nunca viu tropa e foge quando lhes apontamos as armas.

Esperamos estar em Bragança. Já tivémos dois trasbordos. Ainda não pude telegraphar.

Se eu durante algum tempo não puder dar noticias, não extranhem. Vinhaes está a 30 k. de Bragança, trajecto que se fará a pé. Marchamos com guarda avançada de exploração desde Campanhã. Já nos cortaram 300 metros de linha. Tivémos ovações até á Regua e em Mirandella. Já houve combate com muitas baixas da parte dos conspiradores. Temos vindo, desde Tua onde fizemos trasbordo á 1,30 da manhã, promptos a repellir com fogo algum ataque ao comboio. Agora, 8,20 da manhã, tivemos ordem de carregar espingardas á passagem por Macedo de Cavalleiros onde estava gente do Couceiro, que fugiu apenas avistou o comboio.

N'esta povoação está a bandeira monarchica. Passámos sem fazer fogo. Estavam aqui os conspiradores sob o commando de 3 alferes. As linhas telegraphicas aqui, n'este concelho, estão interrompidas. Isto vae-se tornando interessante. Não posso receber cá noticias porque não sei onde páro. Ha fome, mas palpita-me que ainda faremos fogo antes d'almoço. Vem hoje o 18 e artilharia.

. . . .

Estamos á espera da artilharia para marcharmos á noite a tomar Vinhaes.

UM TELEGRAMMA

No governo civil foi recebido um despacho do digno commandante do batalhão do 24, sr. Major Peres, concedido nos seguintes termos:

Vinhaes, 8 ás 11,40 m.m.

Governador Civil—Aveiro

Batalhão meu commando vae ao encontro do inimigo da nossa querida Republica. Saudo em vós o povo do concelho, agradecendo do coração seus cumprimentos e despedidas dos amigos.

Peres—*major*

Convocação do Congresso

Para que o governo possa legalmente resolver sobre a suspensão de determinadas garantias e julgamento dos traidores á Patria, responsaveis pela alteração da ordem no paiz, o *Diario do Governo* publicou já, na segunda-feira, o decreto seguinte:

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 47.º da Constituição: hei por bem convocar extraordinariamente o Congresso da Republica para o dia 16 do mez corrente, afim de que se pronuncie sobre a conveniencia de suspender as garantias consignadas nos n.os 20.º e 21.º do artigo 3.º da Constituição, e alterar a investigação e julgamento dos crimes a que se referem os n.os 1.º e 3.º do artigo 2.º do decreto com força de lei de 28 de dezembro de 1910.

Assignam este documento o presidente da Republica e todo o ministerio á excepção do ministro da guerra, Pimenta de Castro, que ao tempo estava demissionario. Este foi substituido pelo tenente-coronel de artilharia, Alberto Carlos da Silveira que dizem ser um official distincto e á altura do alto cargo que foi chamado a desempenhar.

Movimento de tropas

Além do batalhão de infanteria 24 que d'aqui partiu no dia 5 com destino á fronteira, acham-se tambem a tomar posições em differentes pontos do norte, os regimentos de caçadores 5 e cavallaria 2, uma força de marinheiros e alguns reforços idos do Porto e outras terras circunvisinhas do campo de operações onde não fazem falta.

Em Leixões estão alguns navios de guerra podendo-se dizer afoitamente que o governo tem assegurada a defeza e estabilidade das instituições.

Communicaçao retardada

Foi hontem recebida em Aveiro pelo digno commandante do 24, sr. coronel Sarsfield, o despacho que abaixo reproduzimos enviado pelo nosso amigo Major Peres:

Salgueiros, 10 ás 6 m.

Vamos seguir já para Pinheiro Velho onde os inimigos da Republica se estabeleceram. Ha duas columnas de 400 a 500 homens que os boatos elevam a 4:000 e que andam em peregrinação correndo a fronteira dos lados de Bragança para Chaves. Commando a columna de operações de Vinhaes dispondo do batalhão, um esquadrão de cavallaria e uma devisão de metralhadoras. Os rebeldes bastante desmoralisados. Conto sacudil-os de vez d'esta parte da raia. Teem já muitas deserções.

Um abraço de todos.

(a) *José Peres*

Até ás 11 da noite nada se havia recebido mais que nos satisfizesse o justificado interesse com que andamos de saber novas dos acontecimentos.

Escusado será dizer que as esperamos com verdadeira anciedade.

Continuam as prisões —No districto d'Aveiro como em todo o paiz

Innumeras são as prisões já effectuadas em todo o paiz e mais se esperam ainda devido ás ramificações do *complot* monarchico que em toda a parte encontrou adeptos sem duvida induzidos pelos padres, que teem sido, afinal, os verdadeiros fomentadores da desordem e os mais acerrimos inimigos da Republica.

No que diz respeito ao districto d'Aveiro, as prisões continuam seguidas de buscas domiciliarias em que alguns documentos compromettedores teem sido encontrados, achando-se detidos no convento das Carmellitas os seguintes individuos:

Manuel Rodrigues Loureiro, de Perrães; Manuel Esteves Alexandrino Junior, de Oyã; padre Francisco Massadas, de Nariz; Fernando Ruella Candido, dr. Joaquim Carvalho e Silva, Joaquim Pinheiro d'Aguiar, Manuel de Mattos Alla, Albano de Mattos Alla, de Agueda; padre Alfredo Brandão de Campos, d'Aveiro; Visconde de Bustos, de Bustos; padre Joaquim Ferreira Manêta, de Oliveira do Bairro; padre Antonio Ferreira da Rocha Branco, de Sangalhos; Luiz Carneiro da Silvo Junior e Antonio Rodrigues Carneiro da Silva, da Murtoza.

As guardas ao convento são feitas por praças do Batalhão de Voluntarios o qual está prestando á Republica o melhor dos seus serviços na presente conjuntura.

EM RETIRADA

Noticias directas chegadas esta manhã dão como internada de novo em Hespanha a tropa fandanga de Paiva Couceiro, sendo convicção de muitos que na fronteira se sacrificam por amor da Patria e da Republica, que a malandragem se não abalançará a outra aventura pelo menos emquanto presentir que ha quem a espera cá dentro.

A attitude dos melhores jornaes estrangeiros é-nos inteiramente favoravel, censurando todos a fórma porque está procedendo o governo hespanhol.

Para Lisboa

Uma leva de 33 presos conduzida pelo Batalhão de Voluntarios d'Aveiro—Attitude do povo nas ruas e na estação—Manifestações hostis á partida e á chegada do comboio a Campolide—No Forte de Caxias

Como em á ultima hora dissémos no numero do *Democrata* da semana finda, foram conduzidos n'esse dia para Lisboa devidamente custodiados por uma força de Voluntarios os accusados de conspiradores que se achavam nos dois conventos da cidade e que as auctoridades de differentes concelhos do districto haviam detido em virtude dos ultimos acontecimentos do Porto.

A' excepção d'uns quatro ou cinco que ficaram, os restantes dr. Alvaro de Athayde, José Augusto Souza Maia, Maria Rosa de Jesus, Albino Nogueira, padre Manuel Lourenço Junior, Manuel Ferreira Rollo, Augusto Ribeiro, padre Abel Gomes da Conceição e Silva, João da Silva Pereira, sargento Manuel Ferreira Nogueira, Umbelina Rita de Jesus, Manuel Rodrigues Sereno, Alberto Antonio Henriques, Antonio Ribeiro d'Almeida, Antonio Maria Martins dos Santos, Guilherme Ribeiro Guerra, dr. Fernão Corte-Real da Fonseca, padre Oscar d'Aguiar, Manuel Henrique Rosado, Antonio da Silva Brinco, Alberto Fernandes, Joaquim Ferreira de Souza, Augusto Ribeiro da Silva, Manuel Maximino dos Santos, José Antonio da Silva Carvalho, dr. Luiz de Oliveira Alves Couto, Arnaldo Alves d'Oliveira, padre Julio Rodrigues da Silva Veiga, padre Antonio Seabra da Motta, padre Manuel José Ferreira, Antonio Maria da Silva Gaio, Antonio Marques Rodrigues de Carvalho e Manuel Luiz Pereira tomaram logar entre duas filas de Voluntarios, em numero de 60 e é assim e no meio de apupos e outras manifestações da multidão, que se juntou, que os presos se dirigem para a estação afim de seguirem no comboio correio das 11 da noite.

Antes da partida, porém, passa um outro comboio conduzindo forças de marinha para o norte a quem é dispensada uma calorosa manifestação por parte dos centenares de aveirenses que se juntaram para ver partir os presos os quaes, uma vez descobertos, pouco faltou para serem desfeitiados pelas praças, que saltaram a terra, valendo-lhes a intervenção da auctoridade superior do districto, que ali se encontrava, auxiliada por officiaes e outras pessoas que instantemente pediram aos marinheiros para se retirarem, no que foram attendidos. Entretanto a gritaria contra os traidores recrudesce entre os populares, augmentada por outros tantos marinheiros, o que tudo produz indiscriptivel charivari.

Emquanto isto se passa o commandante da força de Voluntarios, que é o alferes Rebocho e o aspirante Victor Hugo Antunes, tratam de escolher os compartimentos onde devem ir os presos e a escolta que os guarda, furtando-os o mais que pode á vista da multidão afim de evitar manifestações hostis, o que de todo em todo foi impossivel. Quando a locomotiva se poz em marcha a gritaria era tão clamorosa que de muitos pontos da cidade foi ouvida e fez accorrer gente, que nada já viu, é claro, porque o comboio... não espera por ninguem.

A viagem decorreu sem incidente. Mas uma vez chegado o comboio á estação de Campolide, terminus da viagem pela madrugada do dia seguinte não se calcula o que aquillo foi. Mais de 300 pessoas entre homens e mulheres alli se juntaram erguendo vivas á Republica, á Patria e ao Batalhão de Voluntarios ao mesmo tempo que, incolorisados, se dirigiam aos presos em attitude aggresiva e ameaçadora, não levando, comtudo, por diante o seu intento por á força dos Voluntarios se virem juntar os officiaes do esquadrão de cavallaria, que fóra da *gare* estacionava para acompanhar os carros cellulares em que deviam ser conduzidos os 33 prisioneiros ao Forte de Caxias, e que com toda a urbanidade solicitaram a benevolencia do povo.

Effectivamente houve um momento, embora passageiro, de calma, só emquanto sahiam das carruagens os presos, pois d'esde então até que todos se accommodassem nos carros não faltaram apupos e invectivações, com especialidade aos padres, chegando as forças a considerarem-se impotentes para manter a ordem e evitar aggressões, taes as proporções attingidas pela manifestação hostil que se produziu e de que resultou ainda serem alvejados por alguns soccos o professor Athayde e o padre Abel da Conceição e Silva, redactor do jornal reaccionario, *Echos do Vouga*, que se publica no concelho de Agueda. Os manifestantes obrigaram ainda os presos a beijar a bandeira nacional antes de entrarem para os carros, que, uma vez occupados, seguiram direcção do Forte de Caxias, ladeados pela cavallaria que os defendeu da ira popular.

O Batalhão de Voluntarios tomou depois o caminho de Campo d'Ourique a aquartellar-se em infanteria 16, sendo acclamado em todas as ruas por onde passou com freneticos vivas e palmas, que se repetiram á entrada do quartel e depois de dada a voz de dispersar.

No mesmo dia de sabbado, ás 2 horas da tarde, reuniram os Voluntarios em frente ao café Martinho para com o seu commandante, alferes Rebocho e o aspirante Antunes irem cumprimentar as redacções de jornaes republicanos da capital e contar-lhes o que se passou de modo que a verdade não fosse alterada como muitas vezes succede. O povo de Lisboa approveitou então o primeiro ensejo para lhe testemunhar a sua sympathia, accorrendo a saudal-o o que encheu de reconhecimento os patrioticos rapazes sobre quem tambem foram lançadas muitas flores ao passarem pela Rua Nova do Carmo. O resto do dia, assim como o de domingo, foi passado a ver o que de mais digno tem Lisboa, até ao toque de reunir, que se effectuou pelas 7 horas da tarde. Dada a voz de formar, o Batalhão prepara-se para o regresso, sendo no meio das mais estrondosas ovações dos soldados de infanteria 16 que deixa o quartel, em marcha para a estação do Rocio, e sempre acompanhado de immensa gente que a miudo o victoriava. Na Avenida da Liberdade a agglomeração de povo era enorme á passagem do Batalhão, contando-se por milhares as pessoas que assistiram ao embarque e o victoriaram enthusiasticamente, correspondendo os nossos patricios com vivas ao povo de Lisboa, a infanteria 16, á carbonaria, aos batalhões de voluntarios da capital, ao governo, á marinha, á imprensa republicana, á Patria, á Republica, etc. Foi uma despedida affectuosissima, que os aveirenses jámais poderão esquecer, despedida a que não faltou o concurso dos seus collegas do Batalhão Commercio e Industria, 1.ª Companhia de Guerra e Batalhão 4 de Outubro, devidamente uniformisados, e que assim quizeram distinguir, honrando-o, o Batalhão de Aveiro.

Este chegou aqui na madrugada de segunda-feira não só captivado com o bom acolhimento que teve na capital, como ainda deveras reconhecido pelas attenções que lhe dispensaram os officiaes, sargentos e soldados de infanteria 16 durante o tempo que ali esteve aquartellado.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

JUSTA HOMENAGEM

Presadissimo amigo Arnaldo Ribeiro

No ultimo numero do seu jornal vejo publicado o retrato do nosso commum amigo Manuel Dias Ferreira, acompanhado de algumas palavras de justa homenagem e inteira justiça.

Queira permittir-me que recorde a minha qualidade de antigo collaborador d'*O Democrata* para me associar de todo o coração á sua feliz lembrança de pôr em destaque na celebração do 1.º anniversario da Republica quem, como Manuel Dias Ferreira, tanto contribuiu para o seu advento, quer pela propaganda escripta e oral, quer pela sua acção de valoroso e autentico revolucionario.

Fui seu companheiro de trabalho durante oito annos; posso, portanto, bem testemunhar a firmeza das suas convicções democraticas e o ardor da sua crença na redempção da Patria pela Republica, como o seu esforço de activo e devotado propagandista de todos os momentos e em todos os campos.

Quando ainda na época da captação de eleitores, o trabalho de Dias Ferreira nos periodos de recenseamento era verdadeiramente insano e de uma dedicação sem limites. Percorria, aqui em Lisboa, quasi todas as padarias catechisando os moços e os manipuladores de pão, em grande parte seus conterraneos de Cacia ou arredores, e promovendo a sua inscripção nos cadernos do eleitorado republicano. Na sua febre de republicanisar os seus patricios, enviava-lhes pelo correio quantos jornaes republicanos podia arrebanhar entre os seus collegas de repartição.

Desde então, que começou a publicar-se *O Democrata*, começou tambem a sua propaganda no jornal e tão dedicadamente que lhe não bastava o que escrevia, instigava tambem os collegas a escreverem. Foi assim que elle conseguiu um dia arrancar-me algumas linhas para um numero do seu jornal commemorativo da mallograda revolução de 31 de janeiro e que depois me impôz o encargo de garatujar umas despretenciosas cartas semanaes.

Mais tarde intensifica-se a conspiração revolucionaria. A's duas por tres lá estava elle envolvido e envolvendo na rêde das associações secretas todos os elementos de sua confiança, especialmente os bairristas de Campo de Ourique, onde tinha residencia. Inicia então a sua audaciosa propaganda junto dos soldados, cabos e sargentos. Por esse tempo, bastas vezes, passeando commigo, acontecia de repente interromper qualquer conversa para exclamar a desproposito e no seu estribilho habitual:—*a Republica é a salvação da Patria.* A desproposito não, porque reparando em volta lá via um soldado em cujo cerebro virgem de ideias aquella atrevida phrase ficava parafusando. E se acaso o soldado denotava não ter ouvido ou não ter ligado importancia, voltava a repetir-lhe o estribilho que, de uma vez ou de outra, nunca deixava de produzir effeito.

Tal foi, meu caro e prezado amigo, o seu homenageado, até 3 de outubro de 1910. N'esta data, dado o aviso da Revolução, reunido aos bravos do seu grupo revolucionario, toma parte no assalto ao regimento de infanteria 16 e depois ao de artilharia 1, com os quaes seguiu para a Rotunda sem automovel atraz e lá se conservou combatendo até que viu implantada e para sempre a Republica Portugueza.

Como justo e devido premio de seus feitos deram-lhe nomeação para um cargo publico, tendo, por isso, de abandonar os seus collegas dos escriptorios dos caminhos de ferro. Não o conseguiu, porém, fazer sem que muitos d'elles, que mais de perto o conheciam, lhe testemunhassem n'um modesto banquete em sua honra o apreço em que tinham a sua leal camaradagem e as bellas qualidades do seu caracter. N'essa festa, para evitar rhetoricas avessas á sua comprovada modestia, foram prohibidos os brindes; apenas cada conviva podia escrever no seu cartão de visita uma phrase allusiva. Não me arrependo nem espero arrepender-me de ter deixado a Manuel Dias Ferreira, como lembrança d'esta dada, os dois seguintes versos que o meu apoucado estro produziu:

Maduro como um pero bem dourado;
Mas liso, puro, são,—e não sorvado.

Accrescente, se quizer, estas palavras, que não serão de mais, á homenagem que o meu prezado amigo tão justamente se lembrou de prestar ao nosso Dias Ferreira.

Grato aos seus favores, creia-me sempre

Correligionario e amigo certo.

Lisboa, 10 de outubro de 1911.

Felix F. Pernéco.

(Alfred' Ortiz.)

Em defeza

N'outro logar d'esta folha publicâmos um artigo do senador Albano Coutinho que em bilhete apella para a nossa lealdade e antiga camaradagem jornalistica visto termo-nos occupado tambem da questão das aguas da Curia.

Com todo o gosto facultamos ao sr. Coutinho as columnas do *Democrata*, como de resto o fariamos a quem, sentindo-se aggravado, carecesse d'ellas para se defender ou rehabilitar.

Coisas & tal

Um como poucos

Quando na soxta-feira era conduzido para Lisboa, na leva dos 33, o conspirante padre Manuel José Ferreira, foi por elle pedido instantemente ao voluntario que o acompanhava, que visse se tratava de conseguir que lhe fosse permittido lavrar um documento ondo ficasse garantida para seus filhos a herança da sua fortuna, caso viesse a morrer sem ser restituido á liberdade, sendo administradora de todos os seus bens até á maioridade do primeiro, a mãe dos mesmos desde que se porte com honestidade.

Sim, senhor; aqui está um que mostra ter consciencia e é credor por isso de toda a nossa sympathia.

Só falta rehabilitar-se agora da accusação que sobre elle impende. Conseguil-o-ha?

Os Hortas

São dois rabequistas da Murtoza, que a proposito de qualquer execução musical vieram ao proximo logar de Esgueira dar as suas afinadissimas gaitadas.

Aquillo na Murtoza é tudo afinado!...

Vae senão quando, ao retirarem-se, tendo de embarcar no esteiro que fica debaixo da ponte, para onde se dirigiram, não responderam como deviam, desafinando, portanto, ao guarda da linha, que no cumprimento do seu dever tratou da inquirir o que pretendiam os srs. Hortas, que se fizeram na... horta.

A vigilancia e as averiguações do guarda eram justissimas attentas as instrucções fornecidas ao pessoal da companhia, depois d'essas infamissimas tentativas praticadas em diversos pontos da linha.

Os srs. Hortas suppozeram-se na Murtoza, onde se vive na maior independencia—pleno anarchismo—e atiram quatro palavras em resposta, de fazer tremer Troia.

O guarda não se intimidou; pede auxilio, vem força e lá vão os Hortas desafinadissimos até ao governo civil, entre um côro afinado de morras e mais protestos contra os *thalassas* que percorreram aquella triste via sacra entre gritos e algum sopapo á mistura.

Os Hortas juraram aos seus Deuses, da Murtoza, que nunca mais apparecerão por estes sitios afinados ou desafinados, ainda que confessassem que os unicos culpados foram elles por não attenderem o empregado, que no cumprimento do seu dever os interrogava.

Mas se lhes pareceu que estavam na Murtoza!...

Um anniversario

Alguem, com cara de caso, veiu dizer-nos que um republicano d'outros tempos, que bebera *champagne* na manhã de 31 de janeiro e que confórme ia enriquecendo, foi esquecendo a pureza das suas convicções, afidalgando-se e acabando por servir o dictador João Franco e as suas hostes, onde tanto se distinguiu, acordando principios adormecidos, festejára ruidosamente, no dia 5 do corrente, com a presença do sr. dr. Jayme Lima, o primeiro anniversario da gloriosa revolução que implantou no paiz o regimen republicano!

Apuradas as coisas, viemos a saber de fonte segura que o anniversario festejado não era o da revolução, o que facilmente indicava a presença do sr. dr. Lima, mas o quinquagessimo primeiro anniversario natalicio do nosso amphitrião e preclaro sr. Domingos Leite.

Como ás vezes se levantam calumnias...

Boa doutrina...

Sustenta a *Vitalidade* a proposito da noticia do casamento d'um padre dada pela *Independencia d'Agueda*, e da conclusão que este jornal tira de *que os padres se vão casar todos, provando á evidencia que a lei de separação é humana*, que *naturalmente os clerigos que se afastarem da lei e da disciplina da egreja romana, tendo sido ordenados no regimen d'ella, são riscados do respectivo codice* visto ficarem tudo, *menos padre do rito catholico*, etc.

Assim deve ser, realmente, attendendo á perferencia que a Egreja dá ao amiganço, sem duvida mais commodo e vantajoso para os padres com filhos...

Só aquella faculdade de os poderem lançar á margem sem responsabilidades...

«Sejamos com Deus»

Era esta, segundo os jornaes, a senha dos conspiradores que fizeram parte do *complot* do Porto e que nem invocando o nome do altissimo conseguiram reconquistar a corôa de D. Manuel.

Para que saibam. Deus tanto quinau tem levado dos que tinham por obrigação respeital-o, que se fechou em copas e não ha diabos que o façam ouvir...

Está-se nas tintas...

Os d'Aveiro

Por despacho do digno juiz d'esta comarca foi confirmada a pronuncia que provisoriamente tinha sido intimada aos individuos implicados no *complot* d'esta cidade e que coadjuvando as tentativas de Paiva Couceiro, se preparavam para aqui desempenhar a triste missão de que tão leviana e criminosamente se incumbiram.

D'entre elles ha, porém, culpas de diversas grandezas que a justiça saberá por certo distinguir, exigindo todavia novas responsabilidades aos que, como referiram os jornaes e aqui reproduzimos, tiveram varios entendimentos criminosos com os chefes da tentativa revolucionaria de 30 do mez findo, pois chegaram alguns dos pronunciados agora, a declarar que *em Aveiro estariam nos dias das festas* ao anniversario da Republica e a escrever que *em breve seriam uns heroes!*

Estas palavras e promessas, traduziam claramente a falsa convicção de que estavam possuidos, de que triumphando a famosa revolução,

ser-lhes-ia dada a liberdade, como entre elles combinado estava.

Tambem é averiguado que alguns dos criminosos a que nos referimos, recebem dinheiro da origem do mesmo que custeia as hostes *paivantes* para pagamento de hospedagem da familia que custa o que, reconhecidamente, não têm elles para pagar.

A casa dos paes do chefe regional do *complot* aveirense é tambem centro de reunião e deposito de correspondencia entre os conspiradores d'além fronteira com os que ainda pizam e se conservam no solo patrio!

Ha ainda muito que procurar entre nós.

Veja a authoridade bem o que se passou e está passando e proceda sem demora, sem vacillações.

Para criminosos d'este genero, que desapiedada e infamemente se esforçam para lançar a sua patria n'uma guerra fratricida, não pode haver perdão!

Os que lhes perdoarem serão mais criminosos do que elles.

?

Ninguem nos pode informar onde pára e que destino terá tido o relatorio da syndicancia feita ha 6 mezes á administração camararia franquista presidida por Jayme Duarte Silva e que tão graves culpas e responsabilidades revelou?

A' auctoridade superior do districto lembramos a necessidade, que ha, de dar aos contribuintes espoliados e roubados uma satisfação sobre o assumpto. Exige-a a moralidade publica e a dignidade do regimen.

Ou a syndicancia seria sómente para não passar d'onde está?

Novo quartel

Depois da famosa votação dos 16 maiores contribuintes, entre os 40, que votaram contra o augmento das contribuições camararias, cuja applicação devia ser para um novo edificio apropriado a recolher uma das unidades militares aqui collocadas, e depois ainda das peregrinas razões justificativas dos votos d'aquelles prestantes cidadãos, uma nova phase tomou a questão. Após uma reunião a que assistiu o sr. governador civil, Manuel Augusto da Silva, vogal presidente da camara, os srs. coroneis Alexandre Sarsfield e Antonio Augusto da Silva, engenheiro Daniel d'Almeida e deputados Alberto Souto e dr. Marques da Costa ficou assente que mudadas do novo edificio do asylo as creanças lá recolhidas, e ultimadas as obras da secção ainda por completar, alli fosse aquartellado o regimento d'infanteria 24.

A errada convicção que existia de que o edificio do referido asylo pertence ao districto foi devidamente posta de parte, pois a casa é do Estado e de mais ninguem, e, por isso, fornecendo a Camara casa para os asylados pode o governo applicar depois o edificio para o que melhor entender.

Acceitando o governo a proposta que lhe foi feita e aquartellados n'outra casa os pequeninos, ficará sem duvida disponivel um magnifico edificio que se poderá destinar a receber commodamente o effectivo d'um regimento.

Cabe aqui registar a decidida boa vontade com que todos procuraram vencer difficuldades e tornar effectivo um dos grandes beneficios dispensados a esta terra.

Necrologia

Na sua casa de Lisboa falleceu na terça-feira o sr. José Carlos de Bessa Munné, sobrinho do nosso presado amigo sr. Antonio Augusto de Souza Bessa, coronel de infanteria e ultimo commandante da brigada, em Aveiro.

Era o finado um apreciavel escriptor, com grande vocação para a scena pois representou em todos os theatros particulares e clubs de Lisboa tornando-se bastante conhecido n'aquelle meio. Além d'isso era conductor das obras publicas e minas. Fundou o jornal *O Electrico* e ultimamente escrevia na *Gazeta de Lisboa* com certa assiduidade.

A todos quantos deploram a sua morte e especialmente ao sr. coronel Souza Bessa, o nosso cartão de pezames.

Em defeza

O caso da Curía

I

A proposito d'um contracto celebrado entre a *Sociedade das Aguas da Curía* e a commissão municipal administrativa de Anadia, tem sido o meu nome alvejado por injustas accusações, que derivam principalmente d'um processo de syndicancia ordenado pelo ex-governador civil de Aveiro sobre o referido contracto. Ao cabo de cerca de 40 annos de propaganda em favor do ideal republicano, agora, que vi triumphante a revolução que fez a Republica, é em nome d'esta que alguns *soit disant* meus correligionarios improvisam processos para me incommodarem, invocando principios de moralidade para cobrirem os odios e as retaliações, vicios herdados d'uma politica persuadista, que só sabe derimir, injuriando e condemnando sem o legitimo direito da defeza por parte d'aquelles que se julgam ultrajados. Triste inicio d'uma politica nova, que eu idealisava que se havia de firmar nos sentimentos fraternaes da verdade e do bem! Que se falseia a verdade dos factos e que deturpam intenções honestas na syndicancia feita sob as ordens confidenciaes do ex-governador civil de Aveiro, é o que eu vou passar a expôr no direito d'uma legitima defeza e para esclarecimento das pessoas que, alheias á minha vida politica e á hombridade do meu caracter, ficassem porventura mal impressionadas diante da accusação que me fizeram no parlamento e na imprensa.

* * *

Atacado na camara dos deputados, quando eu não estava em Lisboa e não tinha já assento na camara, ausentes alguns dos meus amigos que poderiam defender-me quando mais não fosse senão na parte moral em que fui visado, não havendo na camara quem conhecesse verdadeiramente a questão, tive de produzir eu proprio a minha defeza no Senado, proferindo dois discursos que farei imprimir e distribuir largamente logo que appareçam publicados no *Diario* das sessões do Senado.

Chamarei para elles a attenção da illustre commissão de senadores, que foi encarregada de apreciar a questão sob o aspecto das responsabilidades que n'ella me possam caber.

Pelo lado legal a commissão administrativa de Anadia e a *Sociedade das Aguas da Curía* manterão os direitos do contracto que effectuaram, ouvidos que sejam os tribunaes competentes onde o assumpto, que é principalmente de direito administrativo, porventura se debater. Antes de mais nada é indispensavel que se faça uma vistoria ao sitio das nascentes para observar *inoloco* sobre o que versa o contracto. Seguidamente o celebre processo de syndicancia, cuja copia tenho á vista, tem de ser cuidadosamente analysado nos seus officios e telegrammas confidenciaes e em cifra, e nos seus *trucs* mystificadores, não esquecendo a referencia a um *suelto* publicado no *Tempo* na 3.ª pagina, entre os annuncios, para servir de base ao ataque formulado.

Os depoentes, excepção do medico, que considero testemunha suspeita, e nos meus discursos digo porque, não declaram que a renda seja exigua em face das condições do contracto; o proprio syndicante diz: que a renda offerecida de 10$000 réis annuaes considerada em relação ao passado é ao presente, talvez seja razoavel.

Diz isto, note-se, sem ter ido ao local estudar precisamente a questão, sem saber quaes eram as nascentes de que se tratava, e sem attender á importancia material que para o publico e para a camara representa a construcção por conta da sociedade d'um lavadouro, cuja agua a empreza não pode nunca empregar medecinalmente, segundo as condições expressas do contracto.

A commissão administrativa em officio de 3 de setembro, dirigido ao presidente da camara dos deputados, já protestou energicamente contra as accusações dos srs. Marques da Costa e Francisco Cruz, fazendo, entre outras, a seguinte declaração: o contracto com a *Sociedade das Aguas da Curía* foi posto em harmonia com o requerimento enviado á camara por aquella sociedade. A commissão approvou-o na melhor boa fé, mas d'acordo e depois de consultar o sr. Francisco Cruz, então administrador do concelho d'Anadia. Foi este sr. convidado pela commissão a vir á sala das conferencias da camara onde lhe foi apresentado o requerimento e ouvida a sua opinião. S. ex.ª o sr. dr. Cruz declarou que duvida nenhuma havia em lhe dar deferimento. E nós seguimos a sua indicação, visto que elle era bacharel em direito e administrador do concelho, que se declarava nosso sincero amigo e da Republica.

Pelo lado moral, eu declaro sob a minha honra que andei de boa fé na apresentação do contracto, o qual, regularisando a situação da Sociedade com a camara, entendo que não era illegal á face da legislação applicada, nem era prejudicial aos interesses do municipio. Não devia intervir n'elle—diz-se. Perante a minha consciencia, tão de bôa fé o fiz, que não olhei para a minha qualidade accidental de governador civil; considerei-me um simples municipe do concelho d'Anadia, representando uma empreza que era uma força de engrandecimento local, a sollicitar a sancção d'um contracto reputado vantajoso para as duas partes contractantes.

Ora, se eu tivesse sido ouvido no processo de syndicancia, como era de toda a justiça, exercendo o meu direito de defeza, convidaria a depôr o sr. dr. Francisco Cruz a fim de declarar se eu tive algum entendimento com s. ex.ª para que désse, como deu, a sua approvação ao contracto, quando este lhe foi apresentado pela commissão administrativa, e todos os membros d'esta commissão seriam tambem inquiridos individualmente se sobre elles exerci qualquer coacção, se eu alguma vez lhes fallei no assumpto, se estive reunido com elles n'alguma salla antes da sessão, como testemunhas equivocadamente relatam, quando a verdade é que eu entreguei o requerimento ao sr. presidente da camara no atrio do edificio municipal, não fallei com os outros vereadores, e só permaneci na salla das sessões poucos minutos, retirando logo que o requerimento entrou em discussão. O mesmo depoimento exigiria dos membros da commissão districtal.

Pediria tambem ao deputado Francisco Cruz para declarar quando e em que local é que eu lhe pedi para se occupar da questão no parlamento *só depois de votada a constituição*, como s. ex.ª referiu n'uma entrevista publicada no jornal *A Capital*. Ha, decerto, um grande equivoco por parte de s. ex.ª, pois nunca tal pedido lhe fiz nas duas vezes que trocámos ligeiras palavras sobre o objectivo do seu planeado ataque ao contracto. Apenas lhe disse que considerava a questão um truc politico ateado no periodo eleitoral e que me havia de defender, embora tivesse de ser violento para com correligionarios que injustamente me hostilisavam. Uma das vezes—recordo-me bem—disse-me s. ex.ª que ia lêr o processo, e que se limitaria a chamar sobre elle a attenção do sr. ministro do iuterior.

Nada mais se passou entre mim e o sr. dr. Francisco Cruz, até á embuscada—posso assim chamar-lhe—de que fui victima na camara dos deputados. O plano do ataque estava formado havia muito tempo. Era mister executal-o. Foi o que se fez sem me garantirem o direito da defeza, sem a minha presença para me justificar.

* * *

Diz-se no famoso processo de syndicancia que a Sociedade das Aguas da Curía já em tempo pretendeu fazer este contracto com uma camara monarchica. A este se referiu tambem o sr. dr. Affonso Costa, dizendo que havia officios n'este sentido, e apontando até o nome do presidente da camara que os recebera e discordára da fórma de realisar o contracto.

E' falso que na secretaria da camara exista qualquer officio, requerimento ou representação da Sociedade que se ligue com o contracto de que se trata, além do requerimento apresentado e deferido em 3 de novembro de 1910.

* * *

Alludiu o sr. deputado Francisco Cruz na entrevista publicada a que os habitantes da povoação da Matta, ao terem conhecimento da deliberação da camara, o procuraram, sobresaltados, julgando que com a obra do projectado lavadouro seriam prejudicados na regadia dos seus predios, e que os aconselhou a usarem da força e da violencia se a Sociedade tentasse desviar o curso das aguas. Não era preciso dar-lhes tal concelho, por mais inconsiderado que elle fosse, porque nem a Sociedade pensou nunca em prejudicar os habitantes da Matta, nem estes, conhecedores do assumpto, deixaram de collocar-se ao lado da Sociedade, como o confirma a seguinte representação:

Os abaixo assignados, habitantes do logar da Matta, freguezia de Tamengos, concelho de Anadia, tendo conhecimento de que a Sociedade das Aguas da Curía, por contracto com a Commissão Administrativa se obrigára a construir de sua conta, sem encargo nenhum para a camara, um lavadouro publico junto da nascente onde actualmente em muito más condições se lava a roupa, e certos de que a Sociedade nunca em tempo algum prejudicará o curso regular das aguas para os predios que a ellas têm direito, assim como apresentará aos abaixo assignados um projecto detalhado da obra, antes de lhe dar começo, vem dar o seu apoio á construcção do dito lavadouro, que reconhecem ser de grande utilidade publica, além de constituir um aformoseamento digno da transformação porque está passando a Curía, devido aos esforços da sua direcção.

(Seguem-se 45 assignaturas.)

* * *

Terminando por aqui:

A Curía representa a minha preoccupação, o meu trabalho incançavel e desinteressado de 10 annos com o fim altruista de estabelecer na região em que habito uma estancia thermal em beneficio da humanidade enferma, um factor de riqueza publica que nada tem custado ao municipio de Anadia, e que só traz accrescidos rendimentos para o concelho. O assentimento de todas as assembleias geraes aos meus actos, está consignado na approvação dos relatorios apresentados e nos votos de louvor que sempre me foram concedidos. A vida economica da Sociedade, essa está bem patente a todos que se dêem ao trabalho de compulsar os relatorios publicados pela direcção de que tenho feito parte.

Agora, que a politica que se diz republicana, e que eu nego que o seja, representada por uma pequena facção hostil, queira enxovalhar o meu nome pelo facto desaccidentalmente, como auctoridade superior do districto e director da Sociedade das Aguas da Curía, requerer em nome d'esta na melhor boa fé um contracto de arrendamento, que ninguem ainda provou que era illegal e ruinoso, é que não posso admittir sem o justo protesto d'uma consciencia indignada, e sem recorrer a todos os meios para aclarar bem o que ha de insolito em tão denegrida campanha.

Seria a ultima decepção da minha vida politica vêr que a Republica não me garantia todos os meios de defeza e que os meus correligionarios e os meus amigos, os que conhecem de perto o meu viver, suspeitassem um momento sequer da minha honestidade de caracter.

Albano Coutinho.

ACÇÃO DIGNA

Por subscripção aberta entre todas as praças, sargentos, cabos e soldados da guarda fiscal aquartellada n'esta cidade, foi offerecida no dia 5 do corrente para ser içada nos dias a isso destinados, uma bandeira nacional.

Já o dissémos. No emtanto precisâmos accrescentar que a entrega da bandeira foi feita ao commandante da secção o nosso amigo tenente Costa Cabral, no quartel, onde se reuniram cêrca de 40 praças, que assistiram alegremente ao acto realisado com a presença do ex.mo governador civil.

A lembrança penhorou em extremo o commandante da guarda, assim como mereceu de todos os mais rasgados encomios pela inequivoca demonstração d'amor á Patria e á Republica, sentimentos que ha muito se albergam no corpo da guarda fiscal, já tão brilhantemente demonstrados na memoravel manhã do 31 de janeiro.

Felicitamos os iniciadores da festa, toda a corporação e o seu digno chefe, o brioso tenente Costa Cabral.

Dr. Alfredo Nobre

Com muito prazer e intima satisfação tivémos hontem ensejo d'abraçar o nosso bom amigo dr. Alfredo Nobre, digno conservador de registo civil, que uma perigosa enfermidade ha muito affastára de nós.

O digno funccionario, refeito da prolongada doença que o prostrára, readquiriu toda a sua bonhomia e affabilidade, abraçando-nos por sua vez com a maxima cordealidade de bom amigo e prestante cidadão.

Mais uma vez os nossos parabens.

Registando

O dr. Cherubim Valle Guimarães, n'um papelucho que para ahi vegeta, julgou que a occasião mais azada d'escrever um arrazoado charadistico de legua e meia, contra o regimen, era agora.

Não lhe louvamos a ideia.

Salvo se o sr. dr. Cherubim quer enfileirar, arvorado em *celebre*, ao lado do sr. dr. Jayme Lima, que, por sua vez, abusando da tolerancia que da pessoa e nome do nosso querido correligionario e seu irmão, Sebastião de Magalhães Lima o acoberta, tem ha um tempo a esta parte—desde a publicação da lei da separação—lançado sobre as instituições tudo o que ha de maior accusação e de mais acre censura.

O sr. dr. Lima está no seu papel.

Reaccionario toda a sua vida, irmão de todas as confrarias, assiduo *habitué* das procissões que percorrem annualmente as ruas da cidade, enfileirou ultimamente na *thalassaria* e não tem perdido a mais insignificante occasião de condemnar a liberdade, seja onde e como ella apparecer.

O sr. dr. Cherubim não tem direito, nem tem razão de condemnar os homens do novo regimen. Por mais d'uma vez e se bem nos recorda, n'uma festa onde se encontravam para mais de 100 convivas, a maior parte de destaque, pela velha demonstração das suas convicções, foi o sr. dr. Cherubim convidado e até instado, para declarar-se republicano e como patriota, de que tanto enche a boca—acceitar e servir o existente.

Com palavras de subterfugio e expedientes de momento, o sr. dr. Cherubim fugiu á declaração que a numerosa assistencia esperava e provocava, deixando no espirito de todos uma impressão desagradavel.

Não tem pois o sr. dr. direito de vir perguntar no referido papelucho que: *collocados os antigos monarchicos entre Sylla e Carybides, entre o apodo de thalassas e da deprimente alcunha de adhesivos*—que situação lhes crearam? A do odio ou a da indifferença.

E n'esta meluria, das do systhema do sr. dr. Jayme Lima, que tambem na *Educação Nacional* foi deitando lenha para a fogueira, onde os outros se queimaram, o sr. dr. Cherubim accusa e condemna acintosa e desastradamente o actual regimen, com uma tão má vontade que não podemos esquivar-nos a chamar a attenção de quem compete, para a subversiva doutrina d'aquelle escripto, embora elle termine com a enigmatica affirmativa de que *qualquer dos regimens é uma mentira, ou seja a mentira do poder real, ou a da soberania popular*, terminando por *ardentemente desejar maior felicidade para o nosso paiz.*

Então o que não é mentira ex.mo sr.?

O vil metal que os clientes, como paga dos seus conselhos, lhe passam as mãos? E' tão lindo o *maganão!*...

Jornaes novos

Em Aveiro começaram a publicar-se mais dois jornaes intitulados—*O Patriota* e o *Cinco de Outubro*, republicano radical que esta semana mudou para *Povo Livre*, socialista.

Longa vida lhes desejamos.

Um livro

Recebemos pelo correio um volume de 78 paginas contendo o projecto da lei organica do Estado da India Portugueza que o nosso querido amigo e conterraneo, sr. dr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, como governador geral, elaborou afim de ser apresentado ao governo de maneira a adoptarem-se providencias concernentes a melhorar a sua situação em harmonia com os interesses geraes da Republica.

Acompanha-o um extenso relatorio em que o seu auctor mostra uma grande sympathia pelo povo que de braços abertos o recebeu e d'elle espera qualquer coisa de bom para a sua terra.

Com os nossos agradecimentos receba o dr. Couceiro da Costa muitos parabens pelo seu precioso trabalho.

"Vida Politica,,

Mais um n.º acaba de sahir, o 7.º d'esta nova publicação tri-mensal de Luiz da Camara Reis cujo summario é o seguinte:

O primeiro anniversario da proclamação da Republica—O antigo regimen: oppressão, latrocinios e incompetencia—A questão dos adeantamentos—Roupa suja—As falsas contas de João Franco—Os particulares acobertando-se á sombra do escandalo da casa real—Caridade e patriotismo á custa alheia—Os sacrificios dos pequenos funccionarios—Mattoso dos Santos, adeantador mór—O terror dos criminosos: não mostrem os documentos!—Os fins da invasão de Couceiro—A illusão do fanatismo religioso no norte—Esmaguem-se os traidores com firmeza e sem piedade!

O lyceu

Pela sua elevação a central está ahi a collecção do *Democrata* testemunha, sem duvida, insuspeita, que pode lembrar ao leitor quanto pugnámos e defendemos, e o calor n'isso empenhado, para que tal beneficio se obtivesse, pois representava elle um grande passo para a importancia futura d'esta bella terra, tão abandonada por aquelles que mais tinham o direito de trabalhar por ella, engrandecendo-a e enaltecendo-a!

Não succedeu porem assim.

E o que se fez, a resolução tomada pela Camara Municipal, tudo isso nasceu e vingou da boa vontade e do amor a esta terra manifestada pela meia duzia d'homens probos, obreiros do trabalho, da industria e do commercio, com Manuel Augusto á frente, que occupam as decantadas 11 cadeiras municipaes, pois a decima segunda deu-a o ex-presidente, *Mijareta*, de mão beijada, como se tudo aquillo fosse d'elle, como parece que assim julgou, ao nosso ex-D. Manuel quando aqui o trouxe o Conde d'Agueda para vêr de perto a região da sua tribu...

Reforçando a representação que sobre este assumpto foi enviada ás instancias superiores, telegrapharam aos respectivos ministros as commissões parochiaes e municipal, as juntas de parochia, a Associação Commercial e Industrial e o deputado por este circulo, o nosso amigo Alberto Souto.

JESUITAS DE DENTRO...

... E andava muita gente, ainda, ha 13 mezes e já depois de implantada a Republica, a encher a bocca *no nosso clero*, maldizendo apenas a propaganda, já não de sapa, mas de descarado cynismo, da jesuitada de toda a especie! E andava tanta gente na defensão dos nossos parochos, prégando por toda a parte: — *o nosso clero é liberal; o nosso clero é bom; o nosso clero só quer o bem da patria; o nosso clero é submisso ás leis; o nosso clero odeia os jesuitas*, (sic!) etc., etc. E afinal, veja se como o tão decantado *nosso bom clero* correspondeu a tudo o que se tem feito em seu favor: vem á mão armada para as ruas do Porto e de outras localidades, na madrugada de 30 de setembro, e ainda em dias seguintes! Pois se os nossos inimigos internos são elles!...

* * *

Depois das celebres tres audaciosas, mas infructiferas tentativas dos reverendos mitrados, açulando o baixo clero á rebelião contra as novas leis

do Estado, tentativas que, aliás, o governo Provisorio não castigou com a severidade que devia e então podia, toda a masmarreira tonsurada, desde o simples papa-obreias, até ao mais *bello* aspirante chronico a cardeal, recolheu manhosamente a silencio a sua astucia, fingindo acatar a lei da separação e pedindo muitos parochos a pensãosinha, —mesmo depois de a terem regeitado,—e até elogiando a lei democratica da Republica. Julgou-se, emfim, o paiz expurgado das seitas de Loyola e Torquemada e apenas em lucta debil com os escassos defensores do extincto regimen da crapula; e quando o Estado se preparava para a divisão das pensões *ao nosso clero bom e liberal*... eis que surje na cidade invicta a conspiração,—que logo se descobre ser mais jesuitica do que monarchica! E' que *o nosso liberal clero* deitára fóra a falsa capa da liberdade que fingia uzar, e, empregando o veneno e empunhando Browings, alfanges, clavinas e punhaes, revolucionou contra o Estado parte da população de algumas freguezias ruraes do norte e apresentou-se descaradamente, em abundante numero, como adeante se verá, nas hostes revoltosas do Porto. A trépa, porém, foi formidanda!

* * *

Devemos concordar, todavia, que vamos mal. Vamos no começo d'um invio caminho, no qual é preciso parar já e perguntar:—Para onde vamos nós? Para a Liberdade ou para a opressão? Para a luz ou para a treva? Para o Congresso ou para o Vaticano? Quém governa? João Chagas ou Loyola? Manuel de Arriaga ou Sarto, o falso, successor de S. Pedro?

E' preciso esmagar a reacção por uma vez. E agora é isso facilimo, visto que a descobrimos *cá dentro* e sabemos d'onde ella parte e onde se acoita...

* * *

Damos a seguir o numero dos reverendissimos masmarros presos por conspiradores, desde o dia 1 a 10 do corrente, em algumas localidades dos districtos de Coimbra, Aveiro, Porto, Vianna e Castello Branco. Esta nota é apenas a que vimos colhendo só d'*O Seculo*:

Dia 1, 10; dia 2, 3; dia 3, 11; dia 4, 16; dia 5, 13; dia 6, não houve jornal, dia 7, 17; dia 8, 2; dia 9, 4; dia 10, 9. Total, 85 seraficos marmanjos que tem de dar contas ao diabo, seu pae mais velho, depois de se haverem com a justiça, que lhes pedirá contas da façanha em que se metteram.

E' preciso agora que alguem lhes corte a cauda, lhes aperte mais o bridão e o freio, e os prenda tão curtos que não possam enxotar a varejeira.

As pustulas farão o resto. Arre!...

Sinp.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 27 de setembro de 1911.

Presidencia do vogal servindo de presidente, Manuel Augusto da Silva, assistindo o administrador do concelho, cidadão Beja da Silva, e os vogaes Pompilio Ratolla, Ramalho e Figueiredo, tomando posse e entrando em exercicio o substituto, cidadão José Prat.

Acta approvada, em seguida ao que foram presentes:

Requerimentos de Anna Lopes, d'esta cidade; João Nunes da Maia, idem; Thereza de Jesus, idem; Firmino Dias Paschoal, idem; Joaquim Rodrigues Gomes, de Cacia; Joaquim Duarte, idem; Manuel Vieira da Silva, da Oliveirinha; Serafim Marques da Silva, idem; Manuel Simões Maio, das Aradas; Manuel Simões Seromenho, do Sol-posto; e Luiz Barbosa Zacharias, de Eixo, todos para construcções;

De Antonio da Cruz Bento e Francisca Adelaide d'Almeida Peixinho, de Aveiro, para cedencia de terreno no caminho publico.

Todos foram deferidos.

Officios: do vereador Vicente da Cruz pedindo licença de 30 dias, que lhe foi concedida;

Da grande commissão central da celebração do anniversario da Republica convidando a camara a fazer-se representar n'aquella celebração;

Do medico partidista dr. Marques da Costa declarando ter reassumido as funcções do seu cargo em 10 corrente e ter justificado a sua ausencia, em serviço do paiz, perante o presidente da commissão, Carlos Coelho, quando eleito deputado ás Constituintes;

Do novo governador civil communicando a sua posse e offerecendo a sua coadjuvação; e

Do presidente da camara de Estarreja solicitando a entrada, que foi concedida, no *Asylo*, por conta d'ella, do menor Arnaldo, filho de Maria Rosa da Silva e Pinhó, de Pardilhó.

O orçamento, que a camara approvou, para a execução dos aqueductos a fazer na Oliveirinha e na Moita, no valor de 19$910;

O parecer do advogado da camara com relação ao pagamento da renda da casa em que se achava a Escola de ensino normal, e com a qual a camara se conformou; e

A nota dos fundos em poder do thesoureiro, e que são da quantia do réis 398$424 de conta da camara, e da de 1:176$441 réis de conta do *Asylo*.

A commissão tomou depois as seguintes deliberações:

Tomar em consideração a representação dos povos de S. Bernardo com relação á manutenção, alli, das escolas que actualmente tem, aguardando a informação que solicitou da sub-inspecção primaria d'este circulo escolar;

Fazer as reparações de que carece o antigo convento das Carmelitas a fim de lá poderem ser installados os serviços do commissariado de policia e administração do concelho;

Officiar á camara municipal d'Agueda, *Club-Gymnasio, Club Aguedense* e *Centro republicano* do mesmo concelho agradecendo as manifestações de sympathia feitas á cidade de Aveiro com a recepção aos excursionistas que d'aqui foram, ha dias, áquella formosa villa a convite do *Recreio-artistico*; e a esta collectividade a gentileza da encorporação, por sua conta, dos internados do *Asylo-escola*, na mesma excursão.

Agradecer á professora D. Carolina Patoilo o desempenho do cargo de directora do *Asylo-escola*, secção feminina;

Approvar a resolução tomada pelo seu presidente de enviar um telegramma de congratulação ao novo governador civil do Porto por occasião da posse do seu alto cargo;

Averiguar dos motivos por que na noite de hontem fugiram do *Asylo-escola* tres internadas, que se insoburdinaram, e entregal-as ás familias no caso d'estas poderem garantir-lhes a subsistencia;

Representar de novo ao governo solicitando a elevação do lyceu d'Aveiro a central, visto que o accrescimo da despeza tem, por lei, de ser repartido por todos os concelhos do districto e isso representa um pequenino exforço para cada um, e bem assim pedir a manutenção da escola de ensino normal, pois consta que pela nova reforma de instrucção ella se extinguirá; e

Ir d'aqui pessoalmente cumprimentar o novo magistrado superior do districto, entendendo-se com sua ex.ª ácêrca do abastecimento de azeite estrangeiro, que falta na cidade, convidando os negociantes locaes a comparecerem na segunda-feira proxima, na casa da camara, para dizerem as quantidades que do mesmo genero cada um precisa para bem fornecer o consumidor, importando-o a camara por sua conta, como lhe é permittido por resolução superior.

Acção judicial

Foi julgada no dia 22 do mez ultimo no Supremo Tribunal de Justiça, do Pará, uma acção em favor do sr. Manoel Ferreira de Carvalho Affonso, que os cunhados d'este tentaram contra elle com o fim de fazerem annular todos os actos feitos pelo mesmo por procuração de sua sogra Maria Joaquina Moreira, fallecida em 1906 na freguezia de Requeixo.

A sentença foi dada por unanimidade.

VENTOSAS

Agueda, cinco do dez
ás oito horas da manhã.
Rebentou festa outra vez,
O conde todo galã
Respondeu com fidalguês.

Toda a classe feminina
Percorre a povoação,
Toca-se o hymno em surdina
E é levado em procissão
A missiva pápa fina...

Ouvem-se vivas ao conde
O foguetorio estraleja
E o mulherio responde:
Nosso santo tem carqueja
E bem sabemos aonde...

Copio a carta do méco:
—Agueda. Augusta Davim.
—Comovido me disséco
—De saudades. Dá por mim
—Beijos a todas. Teu, Béco.

Parte o correio. E' urgente.
Festas no maior ardôr
Saí procissão penitente
Retrato conde em andôr.
Escrevo.

Correspondente.

* * *

Communicados

Republica Argentina
Buenos-Ayres

Segundo noticias directas da capital d'esta grande e florescente Republica, a proxima colheita cerealifera apresenta-se muito promettedora e calcula-se que, em 9.000:000 hectares semeados, o rendimento será de 8.500:000 tonelladas, sendo preciso para fazer a referida colheita de mais 135:000 pessoas! A diaria regulou, para os homens, na ultima colheita, cêrca de 1$900, mas attendendo ao augmento de producção, ao enthusiasmo que reina entre os agricultores e aos pedidos que ha, de braços, esta importancia será mais elevada, n'esta ceifa.

O que muito contribue para este augmento é ter o governo argentino, em virtude da defeza sanitaria, difficultado a entrada de emigrantes italianos, a qual, todos os annos, se fazia em larguissima escala, calculando-se em cêrca de 18:000 contos de réis o que no fim dos trabalhos agricolas, novembro a março, entrava n'aquella nação, proveniente dos emigrantes.

Os nossos trabalhadores de campo não poderiam aproveitar a opportunidade e apresentar-se a concorrer com os demais paizes, a este grande centro agricola, onde poderiam conseguir uma figura de destaque, entre os seus irmãos de trabalho, idos de diversas procedencias e de raças bem differentes?

O trabalhador italiano retirava, no fim de cada época agricola, com cêrca de 180$000 réis, e não sendo o nosso trabalhador desgovernado, é de presumir que a cifra com que voltasse não seria inferior a esta.

Ora, a economia de 180$000 réis, no fim de cêrca de 5 mezes, representa um capital muito apreciavel, para não ser desprezado, e que sob a administração do nosso homem de campo produziria na economia nacional um beneficio muito importante.

Não devem, pois, os nossos homens de campo, de perder a occasião de, em poucos mezes, arranjar um peculiosinho, que póde ser o inicio de uma pequena fortuna, quem sabe?

As ruas de Cacia

Continuação da subscripção aberta no Pará para a compra de candieiros para illuminação publica nas ruas de Cacia e Sarrazolla:

Total subscripto...	340$000
Manuel Maria Nunes, de Salreu	2$000
Antonio Tavares	5$000
Domingos Ferreira Azevedo, do Porto	5$000
Manuel Moraes dos Santos, da Granjinha	5$000
José Torres Corrêa d'Almeida, de Almeida	5$000
José Pereira Dias, de Arcozello das Maias	5$000
Joaquim d'Oliveira Barreto, do Pinheiro	5$000
José Maria de Mattos, do Bunheiro	5$000
Antonio da Silva Tavares, de Serem	5$000
Antonio da Silva Amador	2$000
Antonio da Silva Mattos	5$000
Francisco Nunes de Pinho, de Angeja	5$000
João Thomaz Dias J. Tavares	2$000
Total...	401$000

(*Continùa*)

A Commissão
José Maria Tavares
Sebastião Martins da Silva
Francisco Pereira da Silva
J. J. Nunes da Silva

CORRESPONDENCIAS

Pará, 16 de setembro

Finalmente, o *Centro Republicano Portuguez*, acaba de obter mais uma victoria!

E' o caso que a *Sociedade Beneficente Portugueza* (D. Luiz 1.º) fazendo uzo ainda do titulo de *Real* e servir-se, como pavilhão social, da bandeira azul e branca, os republicanos portuguezes depois de terem conseguido fazer inscrever como socios mais alguns individuos e obtida d'esta fórma a maioria, solicitaram da Directoria uma reunião da Assemblêa Geral, que teve logar hontem pelas 7 1|2 da noite e em que ficou resolvido abolir-se o titulo de *Real* e a bandeira azul e branca ser substituida pela actual da Republica, ficando ainda assente retirar-se do logar de honra da salla das sessões, o retrato de D. Luiz, que será substituido pelo do actual chefe da Nação Portugueza.

Cêrca de 300 socios concorreram a esta sessão, visto despertar a curiosidade no seio da colonia portugueza e o receio de conflictos, como succedeu, pois os *thalassas* mais exaltados ao verem-se aniquilados, com a derrota que soffreram, apezar de trabalharem bastante para não perderem o que tanto almejavam, provocaram a desordem pelo que ainda houve alguns sôccos e cadeiras partidas. Distinguiu-se na refrega o sr. Jorge Corrêa, que deitou fóra da sala aos impurrões varios provocadores, que na rua foram vaiados pela enorme multidão de curiosos que ali se achava esperando os resultados da sessão.

Era esta finalmente a ultima sociedade portugueza que faltava democratisar sendo para admirar o arrojo dos republicanos que á custa de muitos sacrificios, gastos de dinheiro etc., poderam triumphar.

No fim da sessão o sr. Augusto Constante offereceu á mencionada Sociedade uma bandeira da Republica Portugueza que deverá fluctuar ámanhã no mastro da *Beneficente*.

A sessão, a que presidiu o sr. Visconde de Monte Redondo, com a presença do sr. dr. Emilio de Amaral, mui digno consul portuguez n'este Estado, que foi alvo de acclamações á sua sahida, terminou ás 11 horas.

Os vivas á Patria Portugueza e aos seus vultos mais em destaque, fizeram-se ouvir bastante, assim como tambem os morras aos *thalassas* e aos *paivantes*.

Na occasião de ser approvada a abolição da bandeira e do titulo de *Real*, uma prolongada salva de palmas se fez ouvir de mistura com vivas á Republica Portugueza, etc.

C.

Pinheiro, 9

A operação que estava para se effectuar a semana passada, em S. João, pelos clinicos d'Agueda, foi realizada pelo distincto clinico, dr. Lourenço Peixinho, d'Aveiro, tendo por auxiliares o sr. dr. Diniz Severo e Antonio Brito, pharmaceutico. Os trabalhos que duraram 3 horas, correram muitissimo bem, tanto para a doente, que se encontra bem disposta, como para os medicos que mais uma vez comprovaram a sua competencia, demonstrada n'este caso de bastante gravidade.

Com todos nos congratulâmos.

=Chegou no domingo pelas 10 horas da manhã a musica velha de S. João, acompanhada de muito povo, que foi assistir aos brilhantes festejos na capital, vindo todos muito bem impressionados com a magnificencia dos festejos e a ordem que em tudo reinou.

Os naturaes de S. João, residentes na capital, offereceram aos visitantes uma rica bandeira, symbolisando a nossa patria, toda bordada a ouro e com os seguintes dizeres: *S. João de Loure—Velha união.*

Ao entrarem na freguezia fôram alvo d'uma grande manifestação, subindo ao ar grande quantidade de foguetes, executando a banda, durante o percurso, por varias vezes, a *Portugueza*.

A todos felicitâmos.

=Guarda ainda o leito o nosso amigo Manuel F. da Moita. Desejamos se restabeleça dentro em pouco.

=As colheitas de milho têem sido abundantes, principalmente as serodias.

=A incursão dos *paivantes* trouxe sómente ao espirito publico d'esta região a ideia que praticaram uma temeridade que lhe custará caro.

C.

Palhaça, 8

A phylarmonica local, a convite da commissão parochial administrativa e d'outros amigos do novo regimen, percorreu hontem as ruas da freguezia, levando na frente a bandeira nacional ha dias offerecida pelo sr. Domingos Julião.

Ao som da *Portugueza* foram levantados vivas a Affonso Costa, á Patria, ao exercito republicano e a Manoel de Arriaga, vivas que eram correspondidos pelo povo assistente.

Foi distribuido um bôdo aos pobres da freguezia em numero de 46, que constou de meio kilo de carne de boi, um litro de vinho e um pão. Os pobres receberam a esmola muito commovidos e agradeceram tão generosa acção, que só esta corporação administrativa se lembrou de realizar, emquanto outras apenas pensaram na sua barriga, gastando o dinheiro em passeios pelo Porto e em jantares nos hoteis, gastando á larga como se o dinheiro lhes pertencesse.

E de facto, conta-se ahi que certa junta: composta de honrados cá da freguezia, foi ao Porto fazer a compra de um palio cujo transporte e jantar custou ao cofre da mesma 19$000 réis!

Na syndicancia a que ahi se procedeu, e que parece deitada em bôa cama a dormir o somno eterno, como outras a que se procedeu por esse paiz fóra, não se apurou essa quantia porque o palio apparece alli descripto na importancia de 25$000 réis! Mas já depois de implantada a Republica um membro da mesma junta disse terem-se gasto, realmente, 19$000 réis na conducção do mesmo e jantar. E era exactamente para estas bôas obras, obras de barriga, que esses honradões faziam o favor de administrar a parochia, alguns d'elles, dizem-me, que 13 annos e com vontade de estar lá mais 20!

=Foi preso hoje o padre F. Massadas, de Nariz, conhecido reaccionario e frequentador das reuniões de Oyã. Uma viagem identica á do fumo...

=Foi hontem arrematada e vae funccionar por estes dias, a mala postal entre o apeadeiro de Oyã e a estação telegrapho-postal d'esta freguezia.

Informam que vae ser creado um distribuidor que percorrerá o itenerario seguinte:

Palhaça, Malhapão, Feiteira, Quinta Nova e Bustos, Azurbeira e Albergue. Tambem nos informam de que se não poder desde já crear-se o distribuidor, haverá um carteiro só n'esta freguezia.

Nunca fômos muito exigente, e por isso venha uma das duas coisas.

=Parece que aquella brincadeira das bombas na ponte do panno, que o padre Abel da Conceição contou com muita satisfação aqui na Palhaça logo no dia seguinte, lhe dá que fazer, pois julga-se ser elle o auctor do attentado. Pois que lhe preste a cella onde se encontra e que a vinda d'esse bandido seja a mesma que a do fumo depois de sair das chaminés.

=Consta que se effectuarão mais prisões no concelho de Oliveira do Bairro. E que bem precisas ellas são para os adeptos da creança destronada e do trastalhão do Couceiro!

C.

Idem, 11

Foi hontem preso o sr. Antonio Duarte Sereno (Visconde de Bustos,) chefe progressista do concelho d'Oliveira do Bairro, e dois caixeiros d'este. Seguiram para essa cidade, acompanhados por voluntarios d'Agueda.

= Passou esta manhã, ás 4 e meia horas, uma força de cavallaria, ignorando o seu destino.

C.

Alquerubim, 4

Causou geral impressão a noticia das ultimas prisões de conspiradores.

= Ha muitos boatos sobre a entrada e derrota de Paiva Couceiro; mas como são boatos, deixamos de os relatar porque não queremos pertencer ao numero dos boateiros.

= Terminaram as vindimas. O vinho é pouco e a qualidade não é boa. Os milhos do campo que estão quasi colhidos, são bons.

C.

Ultima hora

Deu entrada ás 5 1|2 h. da tarde no convento das Carmellitas mais um preso vindo de Anadia, de nome Luiz Osorio, natural de Espinho e filho dos condes de Proença-a-Velha sobre quem impende a accusação de conspirador.

Esta noite espera-se a conclusão de varias deligencias a que a policia, juntamente com alguns carbonarios, está procedendo.

ANNUNCIOS